

# ESPORTE NA IMPRENSA E A IMPRENSA ESPORTIVA NO BRASIL

FELIPE MORELLI\*

[Livro: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de. *O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012.]

Entre os mais proeminentes argumentos para explicar o por quê de uma reduzida importância dos periódicos esportivos na imprensa brasileira, o jornalista e sociólogo Juca Kfoury, apontou o preconceito, que vigorou durante muito tempo nas grandes redações do país, dando conta de que o público-leitor de esportes tendia a ser de menor poder aquisitivo e de diminuta capacidade intelectual.<sup>1</sup> Tal perspectiva é questionada e retrabalhada no livro *O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil*, que reúne um time de primeira linha de pesquisadores dedicados a tratar do fenômeno esportivo no Brasil, capitaneado pelos historiadores Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Victor Andrade de Melo, em uma série de artigos que abordam a relação entre os esportes e a imprensa escrita no país e que demonstram a importância da imprensa esportiva na produção da imagem da realidade e da vida cotidiana das principais capitais brasileiras.

Em "Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX", Victor Andrade de Melo demonstra como a relação entre o desenvolvimento do esporte e a imprensa na cidade do Rio de Janeiro se caracterizou por uma via de mão dupla, onde o acréscimo do prestígio social da prática esportiva motivou sua divulgação nas páginas impressas, ao mesmo tempo em que essa progressiva valorização do esporte se deveu às notícias cada vez mais divulgadas pela imprensa guanabarina.

É no período que decorre do século XIX à primeira década do século XX que Victor Andrade de Melo observa a imprensa no Rio de Janeiro em seu papel de mediadora entre as agremiações esportivas e o grande público, funcionando tanto como agente educadora (a difundir as regras e normas sociais de *sports* como o turfe e o remo, os mais populares naquele contexto), quanto como espaço de repercussão das ações dos amantes daqueles prestigiados esportes. Chama a atenção àquela altura o papel das imagens na produção das representações dos esportes na imprensa do Rio de Janeiro, com a presença mais forte das fotografias nos periódicos a partir da primeira década do século XX:

Imagens de regatas (de remo e de iatismo), de eventos de turfe, de jogos de futebol, entre outros, tornaram-se comuns em periódicos como Revista da Semana, O Malho, Fon-Fon, Careta. Espalhadas pelas páginas, sem estar relacionadas a uma matéria específica, no máximo com uma legenda, apresentam um panorama daqueles que se tornavam eventos sociais cada vez mais relevantes. As fotos seguem um script aproximado: flagrantes do público, por vezes em plano aberto, por vezes focando alguns indivíduos; aspectos das provas e das instalações esportivas; takes dos vencedores e dos arredores. Seguem existindo as charges que ironizam o esporte ou a sociedade a partir de elementos da prática esportiva.<sup>2</sup>

No artigo "A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX", Luiz

Henrique de Toledo fala de um ideal de metrópole que é inventado e difundido pelas elites em São Paulo, centrado na ideologia do trabalho, cujos valores são associados aos esportes, como disciplina, coletividade, técnica, esforço etc., e mostra como A Gazeta, em sua proposta esportivista (em um jornalismo de maior sensibilidade popular, dedicado a formar um público de leitores-torcedores), distinta da adotada pelos Mesquita d'O Estado de São Paulo (cujo grupo empresarial se empenhava em um jornalismo eminentemente político e na cooptação de intelectuais que se associassem na construção de seu liberalismo, restrito a uma cultura letrada e intelectualizada) muito contribuiu para a conformação do futebol a esse ideal de metrópole e de paulistanismo, assentado no lema "São Paulo não pode parar", que valoriza algumas práticas culturais como os esportes e abjura politicamente outras, como o carnaval, principalmente nos governos Prestes Maia.

Para Bernardo Borges Buarque de Hollanda, que assina o artigo "O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980", os anos 1930 trazem a peculiaridade da emergência de periódicos esportivos não só de maior alcance em termos de público-leitor como de maior vida útil, diferenciando-se das inúmeras publicações dedicadas a essa temática que, desde fins do XIX e início do XX, caracterizavam-se pelas pequenas tiragens e pela transitoriedade de sua existência.

Destaque, nesse sentido, para o Jornal dos Sports, que surgiu em 1931, como iniciativa dos empresários de comunicação impressa Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, que o venderiam, em 1936, a Mario Rodrigues Filho, responsável por alçar o "Cor-de-Rosa", como era popularmente conhecido, à posição de preponderância no jornalismo esportivo durante cerca de cinco décadas.

Dentre os fatores que favoreceram o sucesso do Jornal dos Sports estão o movimento de profissionalização e unificação das ligas de

futebol, que fortaleceu ainda mais o esporte a nível institucional e consolidou seu protagonismo no cenário nacional como esporte de massas, com os torcedores acompanhando regularmente os campeonatos e ligas cujo alcance se expandiria ainda mais, envolvendo outras regiões do país, com o advento do rádio; o contexto político centralizador que alinhou-se à crescente oferta e demanda de espetáculos esportivos e culturais, os quais Mario Filho promoveria com grande sucesso, desde campeonatos de futebol, torneios esportivos para a juventude, até desfile das escola de samba no Rio de Janeiro, além da modernização da imprensa nos anos 1930, tanto em nível administrativo (com uma gestão mais empresário e menos familiar), quanto em formato e conteúdo, transformado por uma nova relação entre imagem e texto de modo a alcançar um universo maior de aficionados.

Um aspecto muito importante sublinhado por Bernardo Borges Buarque de Hollanda é a tendência de análise da figura de Mario Filho no jornalismo esportivo brasileiro e na memória do futebol nacional saudando exclusivamente o diretor-proprietário do *Jornal dos Sports*, minimizando a importância de outros personagens que estavam ao seu redor e colaboraram muito para a afirmação de algumas ideias e ideais que estariam na base da feição nacional construída para futebol brasileiro, personagens os quais Hollanda destaca, como os cronistas que recorrentemente escreviam no *Jornal dos Sports* nos anos 1940, casos de Álvaro Nascimento (o "Zé de São Januário", como era conhecido por sua ligação ao Vasco da Gama e suas colunas "O Vasco em dia" e "Uma Pedrinha na Chuteira"), e os irmãos que durante muito tempo ocuparam os cargos de secretários do jornal, Everardo e Isaías Lopes, e de seu irmão não menos famoso e genial, o escritor, cronista e dramaturgo, Nelson Rodrigues.

O diferencial da análise de Hollanda a respeito do *Jornal dos Sports* é justamente esse olhar para o que o próprio autor definiria como

*staff* de Mario Filho, os cronistas que durante muitos anos contribuíram com suas crônicas para o Jornal dos Sports, que ajudam não apenas a evidenciar a alta estirpe do conteúdo do jornal, como, principalmente, a rede de poder político do qual Mario Filho se cercava.

Nomes como o jurista paraibano João Lyra Filho, autor versado em centenas de obras sobre educação, economia e esportes, teve o papel estratégico de redator da primeira legislação esportiva brasileira para o Conselho Nacional de Desportos e primeiro presidente do órgão por nomeação direta de Vargas, garantindo o papel centralizador da entidade no sentido de controlar as instituições esportivas do país, colocando-as diretamente sob a tutoria do Estado; o romancista e também dirigente esportivo José Lins do Rêgo, que escreveu para o JS desde 1945, à convite de Mario Filho (que o conheceu nas redações de O Globo, para o qual Zé Lins escrevia desde 1943), até o ano de sua morte, 1957. Seu papel de prestígio na literatura nacional foi explorado por Mario Filho que, dada a paixão do romancista pelo Flamengo e pelo futebol, enxergou como grande potencial de sucesso para o seu jornal; o sobrinho de Getúlio Vargas, filho do Ministro Viriato Dorneles Vargas, Manuel do Nascimento Vargas Neto também fez parte do time de Mario Filho no Jornal dos Sports. O autor de poemas de Tropicália crioula, formado em Direito, foi deputado federal e procurador do Estado do Rio de Janeiro e, no campo esportivo, foi presidente da Federação Metropolitana de Futebol (FMF), membro do CND e vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Enfim, como ressalta Hollanda: "Nomes de peso nos esportes e nos diversos escalões políticos, eles figuraram no periódico de Mario Filho graças às articulações deste como empresário e homem público de esportes". Como se faz notar por Hollanda, Mario Filho conhecia muito bem os caminhos do poder político e desportivo e tais caminhos sempre estavam abertos diante dele, suscetíveis à sua influência.

André Alexandre Guimarães Couto, em "O discurso pela imagem: *Manchete Esportiva* e sua proposta fotojornalística (1955-1959 e 1977-1979)", chama a atenção para a proposta presente na linha editorial da Revista *Manchete Esportiva* de modo a privilegiar o fotojornalismo, com edições recheadas de imagens que não serviam apenas como apêndices dos textos, mas muitas vezes substituíam os próprios textos como conteúdo principal na cobertura da vida esportiva nacional e internacional, tendo sistematicamente o futebol como protagonista absoluto, em suas duas fases de veiculação. Nas palavras do autor, "o futebol era o início e o fim da revista".

Esse formato editorial deve ser compreendido no contexto da política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, o plano dos "50 anos em 5", que alavancava o progresso do setor industrial e empresarial levantando a bandeira da modernidade. Essa modernização incidiu sobre a imprensa a partir de transformações nas diferentes etapas, desde a produção à publicação e circulação dos jornais e revistas. Fato é que a busca por um Brasil moderno e urbanizado ia ao encontro da mais nova criação do grupo liderado por Adolpho Bloch, a *Manchete Esportiva*, cuja cobertura dos esportes era marcada pelo forte trabalho jornalístico com as fotografias, a fim de retratar o mundo esportivo a partir de imagens que, mais do que ilustrar os textos, produziam representações de identidade nacional principalmente a partir do tratamento dado à seleção brasileira de futebol, sua vilania e heroísmo nas competições disputadas. O foco das notícias era mesmo a cidade do Rio de Janeiro, os grandes clubes cariocas e seus craques, ainda que, posteriormente, uma capa para São Paulo começasse a ser publicada para cobertura dos principais clubes e jogadores que atuavam na capital bandeirante. (p. 114) De todo modo, a abrangência da Revista pode ser medida por seus correspondentes em outros estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Pernambuco e Bahia) e outros países (Argentina, Uruguai, Peru,

Paraguai, França, Portugal e Tchecoslováquia, a última tendo em vista os esportes no Leste Europeu num contexto de Guerra Fria).

Em "Um raio-x da Revista do Esporte", Álvaro do Cabo apresenta o resultado de sua pesquisa que reuniu 62 edições da revista, que circulou de 1959 a 1970, cujo prestígio deveu-se, para o autor, não apenas a fórmula editorial, que trazia os bastidores da vida dos principais craques do futebol brasileiro e suas trajetórias de sucesso, mas ao próprio período de grandes conquistas que vivenciava o esporte nacional, com destaque para o tricampeonato mundial de futebol, nas Copas de 1958, 1962 e 1970. Embora o nome da revista pudesse sugerir uma diversidade e maior abrangência na cobertura dos esportes brasileiros, suas edições se caracterizavam mesmo pelo absoluto predomínio das reportagens sobre futebol, como também acontecia com outros diários esportivos do período.

A década de 1970 seria marcada na imprensa esportiva pela emergência da famosa Revista Placar e esse é o tema de João Malaia no artigo "Placar:1970", em que o autor relaciona o momento de surgimento da revista, ocupando-se de polêmicas como a demissão de João Saldanha da posição de técnico da seleção brasileira de futebol à véspera da Copa de 1970, no México, com o cenário político de ditadura militar que marcava o Brasil, em um autoritarismo e censura que as próprias matérias, fotos e charges da Placar denunciavam, ainda que não chegassem ao ponto de levantar quaisquer propostas de transformação da sociedade brasileira em seus rumos políticos.

No artigo "Juventude em revista: surfe e Fluir", o pesquisador Rafael Fortes se concentra nas edições da Revista Fluir na década de 1980, a fim de abordar o processo de profissionalização do surfe no país sob influência do papel desempenhado pela própria publicação na cobertura do esporte, não apenas na divulgação de competições e circuitos, como interferindo diretamente nos moldes e organização de

campeonatos. A Revista Fluir contribuiria decisivamente, dentre outras coisas, para a criação da Associação Brasileira de Surf Profissional (ABRASP), do primeiro circuito brasileiro de surf profissional e para o retorno do circuito mundial de surf ao Brasil, em um contexto no qual os meios de comunicação e a publicidade direcionavam-se avidamente aos interesses da juventude.

Por fim, o texto de Mauricio Stycer "Lance! um jornal do seu tempo", baseado em sua dissertação de mestrado que originaria o livro *História do Lance! - projeto e prática do jornalismo esportivo*, trata do surgimento desse diário esportivo (desde sua fundação em 1997) justamente em um contexto de crise financeira enfrentada pelos dois mais importantes periódicos esportivos do país ao longo do século XX - Gazeta Esportiva e Jornal dos Sports. Em razão de sua linha editorial inovadora, marcada por uma linguagem mais próxima à linguagem da rua, um "jornal do torcedor", de inspiração no diário espanhol Marca e seguindo a linha de seu irmão argentino Olé, em uma cobertura mais sensacionalista do universo esportivo, o Lance! sofreu a oposição de importantes jornalistas, com o questionamento acerca de "o que é e não é notícia", o que não impediu que o diário seguisse sua proposta de ser um "jornal pra cima", que contagiasse e inflamasse o lado mais apaixonado do torcedor-consumidor, com suas matérias destinadas a entreter e dar prazer aos leitores, ancorando-se na forte publicidade de inúmeros produtos esportivos que exploravam o potencial de consumo dos aficionados, consumidores do espetáculo esportivo. O Lance! se consolidaria como o maior diário esportivo do país, um tabloide que soube seguir os novos rumos na relação dos esportes e os meios de comunicação.

É pela abrangência dos artigos como fruto da reunião desse time de primeira linha de pesquisadores, capitaneados por Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Victor Andrade de Melo, que a obra *O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil* se constitui em leitura obrigatória



para aqueles que buscam uma compreensão da dinâmica relação entre a imprensa escrita e o desenvolvimento dos esportes no Brasil. Para além de fontes históricas, os jornais e revistas são examinados "de corpo inteiro", como agentes sociais em determinadas conjunturas históricas, tendo em conta suas políticas editoriais, seus editores chefes, agentes investidores, suas diretrizes ideológicas, estratégias comerciais, sua participação direta na construção do imaginário nacional, na reflexão acerca do papel do jornalismo esportivo na história dos esportes no país.

## Notas

---

\* Doutorando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Título: O Brasil entra em campo? Paulistas x cariocas nos primórdios do futebol brasileiro (1919-1938). Bolsista integral CNPq. Orientação: Dra. Estefânia Knotz Canguçu Fraga. E-mail: felipemachadopuc@hotmail.com

<sup>1</sup> KFOURI, J. Jornalismo Esportivo. In: *Série Estudos. Secretaria Especial de Comunicação Social. Prefeitura do Rio*. Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade, 2004, n. 11.

<sup>2</sup> MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo e MELO, Victor de Andrade de. *O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ / 7 LETRAS, 2012, p. 41.

Data de envio: 13/01/2014.

Data de aceite: 26/01/2014.